

## MARIA MARTINS, “A ADÚLTERA”.

Diego da Silva Castro<sup>1</sup>

Nasce em Campanha no sul de Minas Gerais Maria de Lourdes, bem nascida e com sobrenome de peso. Por parte de mãe, Fernandina, descendia dos Farias, e já seu pai, João Luis Alves era político, mas também jurista e escritor. Em seu registro de nascimento, lavrado em 1894, figura, em letra caprichada, a assinatura de Euclides da Cunha, o futuro autor de *Os sertões*. Esses dados de parentesco, bem como as relações sociais que dali se pode depreender, ajudam a situar essa criança, que diferente de uma parcela significativa da população da época - marcada por um momento de pós-abolição e de uma incipiente República -, tinha sua origem ligada à uma família abastada mineira, que poderia lhe garantir um futuro promissor, conforme as expectativas para uma mulher de seu tempo, entre elas, um bom casamento que perpetuasse o lastro social de seu sobrenome ligado a outro igualmente tradicional.

A cidade natal de Maria se destacava por ser sede de Bispado e por ter grande prestígio econômico<sup>2</sup> até então. Campanha tem raiz conservadora e tradicionalista. O que se chama aqui de tradicionalista e conservador está relacionado às práticas culturais de uma elite local que estabelece seus vínculos e relações de poder por via dos cargos públicos ocupados pelos homens, chefes de famílias abastadas, bem como por uma rede de sociabilidade que se mostra muito a partir das celebrações e festividades civis e religiosas em Campanha. Marcada pelo culto à memória dos seus filhos ilustres, a cidade construiu ao longo de seus quase três séculos, forte vínculo com figuras masculinas como, Vital Brazil Mineiro da Campanha (1865-1950), que assim como Maria viveu apenas os primeiros anos de sua vida na pacata cidade. Além do cientista

---

<sup>1</sup> Aluno do curso de graduação em História pela Universidade do Estado de Minas Gerais UEMG Unidade Campanha. E-mail: diegoscastro@yahoo.com.br

<sup>2</sup> ANDRADE, Marcos Ferreira: Elites Regionais e a Formação do Estado Imperial Brasileiro. Minas Gerais. Campanha da Princesa (1799-1850). Rio de Janeiro, editora Fino Traço, 2014.

e criador do soro antiofídico, há ainda, Francisco de Paula Victor (1827-1905), negro e escravizado, ordenado Padre em 1851 e beatificado recentemente pela igreja católica.

Maria de Lourdes passa apenas os primeiros cinco anos de sua infância em Campanha, já que seu pai quando eleito Deputado Geral de Minas Gerais, levando a família para a capital Belo Horizonte, com o intuito de facilitar a vida política do até então Juiz. Na capital do Estado, Maria ainda jovem conhece o historiador Otávio Tarquínio de Sousa, com quem se casa e, posteriormente, vem a se separar sem o apoio da família para casar-se novamente com o Diplomata gaúcho Carlos Martins, atuante no governo de Getúlio Vargas, e embaixador em Washington no período da Segunda Guerra Mundial.

Com esse enlace, Maria de Lourdes passa então a assinar Maria Martins, nome e sobrenome que não apenas demarcaria sua relação com o renomado diplomata, mas também enquanto mulher artista, cujas obras, - muitas delas musealizadas atualmente em instituições do Brasil e do Exterior -, denotam sua sintonia com a produção em voga nos principais centros artísticos mundiais da época, como Paris, Roma e Nova York. É certo que a posição social de Carlos facilitaria à Maria inserção em grupos de destaque, não apenas no cenário político, - ao qual ela agenciaria<sup>3</sup> um lugar de destaque ao lado do esposo - mas também cultural. São vários os estudos que denotam as relações travadas por parte de Maria com artistas vinculados à vertente surrealista, como Oscar Jespers, André Breton e Michel Tapiè. Mas, se Maria, a partir de suas obras, alcançou a condição de profissão artista, não como mera “amadora”<sup>4</sup>, chegando, inclusive, a figurar em bienais e ter sua produção premiada<sup>5</sup>, a sua imagem, na sua cidade natal, Campanha, não é tanto recordada por sua intensa e significativa produção, se em comparação aos seus relacionamentos amorosos para além do casamento, com Benito Mussolini, enquanto ele era ainda embaixador, e o artista Marcel Duchamp, principalmente, conforme salientado nas entrevistas do documentário Maria - Não se esqueça que eu venho dos trópicos<sup>6</sup>. Nessa cidade do Sul de Minas, esquecida muitas das vezes como “mulher artista”, Maria Martins passa a ser lembrada sob a pecha de “mulher adúltera”. A pesquisa empreendida no curso de graduação em História pela Universidade Estadual de Minas Gerais, sob orientação do Prof. Francislei Lima da Silva, visa, justamente compreender esse imaginário que cerca o nome de Maria Martins, a partir da reunião

<sup>3</sup> Cf. GELL, Alfred. Arte e Agência. São Paulo: Editora UBU, 2018.

<sup>4</sup> SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. As mulheres artistas e os silêncios da história: a história da arte e suas exclusões. Revista Labrys, estudos feministas; edição: Janeiro/Junho 2007.

<sup>5</sup> Sobre as premiações recebidas por Maria Martins em mostras como a bienal de São Paulo, ver: CERCHIARO, Marina Mazze. Escultoras dos Trópicos, participações e relações de gênero nas bienais de São Paulo (1951-1965). Tese de doutorado em andamento pelo PPG em Estética e História da Arte do MAC|USP. Pesquisa apresentada no XXXVIII Colóquio Brasileiro de História da Arte - Arte & erotismo: prazer e transgressão na história da arte; organizada pelas professoras Ana Magalhães, Letícia Squeff e Valéria Piccoli.

<sup>6</sup> Maria - Não esqueça que eu venho dos trópicos. Direção: Francisco C. Martins, produção: Pandora Filmes. 16 de Novembro de 2017.

da crítica<sup>7</sup> publicada em jornais e revistas<sup>8</sup> de Campanha, bem como nos relatos de memorialistas, escritos por mãos masculinas, que lançam um olhar para Maria sob lentes machistas - cobrando de certa maneira uma posição de moça, para usarmos os termos atuais: “bela, recatada e do lar”.

Essa depreciação da imagem da artista está presente fortemente nas entrevistas que viemos realizando em nossa pesquisa com moradoras/moradores de Campanha. Dos relatos que temos ouvido, destacam-se as ideias e rumores reforçados constantemente associando tanto a carreira da artista quanto sua vida privada à uma “vagabundagem”, conforme salientado por um dos entrevistados<sup>9</sup>. Essa mesma pessoa nos disse que “falava-se muito pouco e parecia não querer que se falasse” ressaltando a maneira como a comunidade local enxergava a arte feita por ela como fruto de uma “vida suja”, implícita nas formas indecifráveis do surreal.

Ao noticiar a morte da artista, a imprensa local manteve seu tom conservador. O artigo ganhou um título que a priori remetia a um certo orgulho pelos feitos profissionais e sociais de Maria, como de praxe da imprensa local da época. “Morreu no Rio uma Campanhense ilustre”<sup>10</sup>, porém, os dados foram sequenciados de maneira com que, sua profissão artista ficasse em total dispersão, direcionando a atenção do leitor ao brilhantismo de seu pai, de seu marido, e de sua vida enquanto esposa, filha e mãe de três filhas que viera deixar todas casadas, como salienta o escritor ao escrever: “A mais moça Nora, casada com, o Ministro Carlos Lobo, hoje servindo na Bulgária”. A ênfase biográfica que desabrochou das críticas locais contrapôs-se a trajetória artística. Maria é lembrada como “filha”, “esposa” e “mãe”; figurando, portanto, à sombra dos sujeitos masculinos que permearam a sua vida.

Ainda dialogando com as fontes podemos enxergar tamanha distância que separa Maria da memória local, recentemente a Folha Campanhense publicou um artigo noticiando mais um livro lançado sobre a vida da artista. “Foi lançado recentemente no Rio de Janeiro um novo livro sobre a vida da escultora Maria Martins (1894-1973), cujo nome está automaticamente associado à história da arte ao do precursor da arte conceitual, o francês Marcel Duchamp (1887-1968).” A associação da artista de forma enfática ao francês está ligada a memória que circula no cotidiano local. Nosso entrevistado número 2<sup>11</sup> assim que abordado sobre o assunto nos disse que “não valia a pena tocar nesse assunto, Maria Martins sempre foi uma

<sup>7</sup> CAVALCANTI, Ana Maria Tavares. A crítica de arte como fonte de pesquisa para a formação de coleções e a História da Arte. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Simpósio 1 - A arte compartilhada: coleções, acervos e conexões com a história da arte.

<sup>8</sup> Localizamos no arquivo da Secretaria Municipal de Campanha uma pasta com muitos recortes de jornais com notícias sobre a artista. Infelizmente, a grande maioria são fragmentos sem referência à edição do periódico, bem como à data. Por conta dessa falta de dados, estamos pesquisando nas hemerotecas e nos arquivos locais que possam ter guardado os jornais com as informações necessárias a serem complementadas em nossa pesquisa de iniciação científica.

<sup>9</sup> O Memorialista pediu para não ser identificado.

<sup>10</sup> Fragmento de jornal, datado de 1973, colunista Borges Netto.

<sup>11</sup> O entrevistado pediu para não ser identificado.

vagabunda, vá pesquisar Gladstone<sup>12</sup> ou Vital Brazil<sup>13</sup>” no decorrer da entrevista ainda ressaltou que o que ela mais sabia fazer na vida era “pular a cerca”, nas palavras do entrevistado: “nem Mussolini escapou meu filho, e Duchamp foi apenas mais um”.

O impacto gerado pelo posicionamento da artista no imaginário local nos dá espaço para adentrarmos no debate de Linda Nochlin<sup>14</sup>, (Primeiros devemos perguntarmos quem está plantando essas perguntas, e depois devemos entender a que propósito estão as plantando), dando sentido a toda discussão sobre o silenciamento que trouxemos até aqui, a problemática vai mais a fundo no machismo de entendimento da mulher como um ser sem personalidade artística e social, e adentra a discussão da limitação dos lugares que a mulher deveria ocupar, assim como a nudez que esteve sempre presente no universo da arte, e com a presença exaustiva da mulher como símbolo sexual, como mero instrumento para se fazer arte e nunca como autora da arte.

O silenciamento da memória de Maria Martins encontra-se aberto em Campanha, exemplo disso é o centro da cidade, que conta com esculturas de bronze de homens de renome ligados a história da cidade<sup>15</sup>, enquanto a artista recebeu recentemente uma placa de aproximadamente 40 centímetros no prédio onde localizava a casa que foi de posse de sua família, lugar que hoje sedia a secretaria da Universidade do Estado de Minas Gerais, que teve a iniciativa de homenagear a mesma com a placa. O prédio encontra-se situado por sua vez, na mesma praça dos memorandos masculinos. Seria pertinente a discussão associarmos o distanciamento da artista à sua vida tida por desregrada? Ao conservadorismo? Ou talvez Maria tenha sido “enfeitiçada” pelas grandes metrópoles a ponto de apagar de sua trajetória de vida, sua origem? A “Dama Surrealista”<sup>16</sup>, como foi retratada por diversas vezes pela imprensa. Teve seu nome rechaçado em programas de rádio locais e sua trajetória depositada na conta da sedução e a seu desdém a “moral dos bons costumes”.

A imprensa local, assim como certos seguimentos sociais da época eram impactados pela Igreja, a emissora de rádio era de posse da mesma. Se no reconhecido Jornal do Brasil<sup>17</sup>, em julho de 1997 foi descrita como “femme du monde” título que lançava mão de um possível duplo sentido, levando em conta o

<sup>12</sup> Gladstone Chaves de Melo (1917-2001), Bacharel em Direito, livre-docente e doutor em Língua Portuguesa pela UFRJ. Vereador no Distrito Federal e Deputado no Estado da Guanabara.

<sup>13</sup> Vital Brazil Mineiro da Campanha (1885-1950) Médico e Cientista criador do soro antiofídico.

<sup>14</sup> NOCHLIN, Linda. Por que no han existido grandes artistas mujeres? Tradução para Espanhol: Ana María García Kobeh, Crítica feminista en la teoría e historia del arte, Universidad Iberoamericana (Cdmx), Programa Universitario de Estudios de Género de la Unam, Conaculta-Fonca, Curare, 2001, pp. 17-44.

<sup>15</sup> Estátuas e bustos de figuras como, o Jurista Ministro Alfredo Valladão, o Coronel Zoroastro de Oliveira e o primeiro Bispo da Cidade, D. João de Almeida Ferrão.

<sup>16</sup> Revista IstoÉ, edição n°1835 08/12/2004.

<sup>17</sup> Jornal do Brasil, Rio de Janeiro 26, julho de 1997.

imaginário da época sobre o que se entendia de uma “mulher do mundo”, na Folha Campanhense<sup>18</sup> surge como “Maria Martins, nossa desconhecida”, artigo que remete uma certa “crise identitária da cidade”, como nos disse o segundo entrevistado ao se deparar com a pesquisa sobre Maria. “Isso expõe uma tentativa de resgate de uma memória que nunca viera existir” salienta o memorialista.

Concluindo essa comunicação, não posso deixar de agradecer ao historiador da arte Carlos Lima Júnior por sua ajuda fundamental para a nossa pesquisa com a sugestão de leitura, as reuniões realizadas e toda a atenção ao longo da redação desse texto.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Marcos Ferreira. *Elites Regionais e a Formação do Estado Imperial Brasileiro. Minas Gerais. Campanha da Princesa (1799-1850)*. Rio de Janeiro, editora Fino Traço, 2014.

ARQUIVO DA SECRETARIA DE CULTURA da cidade de Campanha.

CALLADO, Ana Arruda. *Recife: Maria Martins*. Editora Gryphus, 2004.

Cf. GELL, Alfred. *Arte e Agência*. São Paulo: Editora UBU, 2018.

CERCHIARO, Marina Mazze. *Escultoras dos Trópicos, participações e relações de gênero nas bienais de São Paulo (1951-1965)*. Tese de doutorado em andamento pelo PPG em Estética e História da Arte do MAC - USP. Pesquisa apresentada no XXXVIII Colóquio Brasileiro de História da Arte - Arte & erotismo: prazer e transgressão na história da arte; organizada pelas professoras Ana Magalhães, Letícia Squeff e Valéria Piccoli.

COSAC, Charles; MELLO, Vicente. *São Paulo. Maria Martins*. Editora Cosac Naify, 2010.

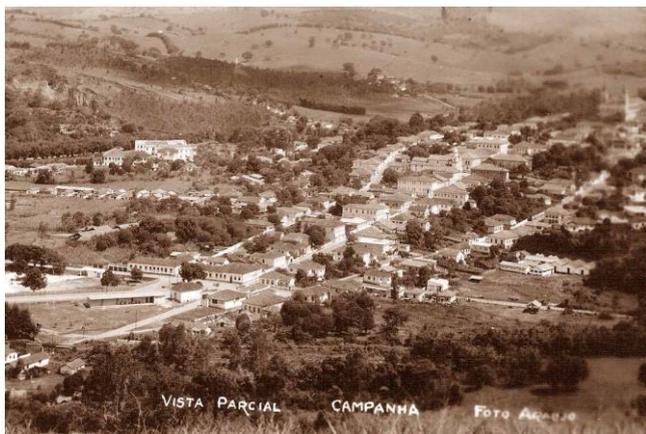
NOCHLIN, Linda. *Por que no han existido grandes artistas mujeres?* Tradução para Espanhol: Ana María García Kobeh, Crítica feminista en la teoría e historia del arte, Universidad Iberoamericana (Cdmx), Programa Universitario de Estudios de Género de la Unam, Conaculta-Fonca, Curare, 2001, pp. 17-44.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. As mulheres artistas e os silêncios da história: a história da arte e suas exclusões. *Revista Labrys, estudos feministas*. Ed.: Janeiro/Junho 2007.

VISTA DA EXPOSIÇÃO MARIA MARTINS. METAMORFOSES / Views of the exhibition Maria Martins: Metamorphoses, MAM, São Paulo, 2013.

<sup>18</sup> Dados Folha Campanhense, recorte não possui data.

## FIGURAS



**Figura 1** – Vista panorâmica centro da cidade de Campanha. 1960. Paulino Araújo, Acervo Foto Fênix.



**Figura 2** – Casa onde nasceu Maria Martins. 1950. Paulino Araújo, Acervo Foto Fênix.



**Figura 3** – Praça Dom Ferrão, figuras masculinas homenageadas. 1970. Paulo Ferreira Lopes, Acervo Foto Fênix.



**Figura 4** – Casa de Maria Martins, construção atual. 2017. Diego Castro.